2.ª SERIE. TOMO I.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS — AGRICULTURA — INDUSTRIA — LITTERATURA — BELLAS-ARTES — NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

8.º ANNO. QUINTA FEIRA, 7 DE DEZEMBRO DE 1848. N.º 5.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Sociedades e Instituições Agricolas.

> Todos escolhem o melhor mestre para fazer progressos debaixo da sua direcção; em quanto a arte a mais necessaria á vida, e que mais perto está da sabedoria, não tem discipulos que a aprendam, nem mestres que a ensinem. Comtudo eu vejo estabelecer escholas de rethoricos, de geometras, de musicos, de dançadores, etc., etc......... mas a Agricultura não tem um só mestre, e o objecto mais interessante para a prosperidade da Republica, está mais distante da sua perfeição.
>
> *Columella.*

64 **Ainda** que não haja motivos de differença real entre a industria agricola e a industria manufactureira, commummente se intende por agricultura a arte de tirar da terra os productos vegetaes, que ou são consumidos no mesmo estado em que se tiram, ou servem de materiaes, que o subsequente trabalho do homem arranja e affeiçoa para algum fim d'utilidade; e por manufacturas os variados modos d'esse trabalho, e posterior applicação. N'este supposto, é certo que a posição geographica dos diversos paizes, a natureza de seu sólo, a qualidade do clima, os seus recursos naturaes, emfim, prestam, de ordinario, a uns uma disposição particular para a industria da mineração, a outros para todo o genero d'artefactos, e a outros para a agricultura.

É tambem evidente que Portugal, longe de ser um paiz d'amplos recursos mineraes, e mais longe ainda de ser um paiz essencialmente fabricante, é, sem questão alguma, assaz favorecido pela natureza para todos os trabalhos da agricultura: vantagem importantissima, quando se considere, que é ella nos Estados a principal fonte da publica prosperidade, e a pedra angular aonde descança a sua nacionalidade; porque aquelle que fôr rico das producções de seu sólo, tem em si mesmo o germen da sua independencia.

Nunca estes principios foram desconhecidos desde que ha povos, e desde que ha governos, que, sempre que intenderam a sua missão, animaram e favoreceram os lavradores.

Data de longe a decadencia da nossa agricultura; e sem nos occuparmos das causas especiaes para cada uma das nossas provincias, basta que de passagem recordemos algumas que affectaram todo o reino, como por exemplo, o desfalque da população pelo impolitico exterminio dos mouros e hebreos, em tempo d'elrei D. Manuel; as carnicerias d'Africa e Asia; as guerras desastrosas dos Filippes, em que infelizmente nos involveram; e sobre tudo o desprezo com que tratamos a mãe patria, e total abandono de nossos recursos naturaes pelo oiro do Brasil. Desde a separação, porém, d'este ultimo paiz, e modernamente alliviada a nossa agricultura por algumas salutares medidas do Governo de S. M. a Rainha, maxime pela extincção de varios tributos, e dos dizimos, começámos a lançar mão da fonte de riqueza, que nos restava, da terra que nos dera o ser, e que nunca devêramos ter abandonado.

Mas não obstante haver-se augmentado muito a cultura, mui pouco ou nada se tem feito para que ella melhore. Para que se adiantem os methodos da nossa agricultura, para que pouco e pouco se vão desarreigando antigos prejuizos, e a improductivas praticas rutineiras se substituam operações mais racionaveis, é absolutamente necessario semear a instrucção pelos lavradores, prégar-lhes com o exemplo, e animar com premios os que mais de prompto os seguirem. «Os homens do campo, diz o nosso il«lustre compatriota o Sr. Soares Franco, nunca dei«xam por si mesmos o caminho antigo; timidos por «ignorancia, e interesse, não ousam abrir novas es«tradas. Para inventar, mudar e aperfeiçoar são ne«cessarios vagar e dinheiro; uma e outra coisa lhes «falta. Trabalham como as aranhas tecem as suas «têas, e os castores edificam as suas cazas; isto é, «machinalmente, e a exemplo de seus paes; mas mos«trar-lhes uma novidade util, longo tempo a exami«narão, duvidosos em a adoptar; emfim decide-se um, «e todos os habitantes do districto seguem o seu exem«plo. É a historia dos carneiros, por onde um pas«sou, passam todos.»

De 1834 para cá alguma coisa se tem feito pela instrucção publica, mas é força confessar que mais se tem olhado para as reformas dos estudos superio-

res, que menos eram necessarias, e que de mudança em mudança tem peiorado, do que para a instrucção do maior numero, que devêra sobre todas attrahir de preferencia os nossos primeiros cuidados.

Vimos n'estes ultimos annos desinvolver-se entre nós o espirito de associações e emprezas para uteis fins, mas obvias circumstancias dos tempos, e não menos talvez outras muitas causas, em breve fizeram desapparecer todas essas companhias. Não duvidâmos da utilidade que de todas ellas mais ou menos se poderia tirar, mas muito lamentâmos que ainda não lembrasse a formação de outras sociedades para fins mais directamente philantropicos, e para animar o estudo e o trabalho das artes uteis, e melhoramentos da nossa atrazada agricultura; sociedades cujo interesse não figurasse na tabella dos fundos publicos, nem se avaliasse pela percentagem de seus dividendos, mas sim pela nudez que cobrissem, pela fome que matassem, e pela instrucção e moral que semeassem pelas classes pobres e ignorantes.

Apoz a necessaria instrucção elementar dos habitantes do campo vem naturalmente o estabelecimento das sociedades agronomicas, e dos collegios d'agricultura, e quintas-exemplares. Seria ocioso descrever d'antemão suas vantagens, pois que ellas são evidentes pela simples exposição dos objectos que comprehendem, pelo modo extraordinario por que se tem multiplicado nos paizes de mais sabia cultura, e pela protecção que lhes tem dado os seus respectivos governos.

Queremos persuadir-nos que não ha mingoa de desejos em nossos compatriotas para estas e outras emprezas de publica utilidade; e que deve attribuir-se a sua falta á nossa natural apathia, á novidade da providencia e sobretudo á mutua desunião e desconfiança que entre nós tem semeado a peste dos partidos. Aos Governadores Civis intendemos que cumpria convocar os proprietarios e pessoas mais influentes e illustradas de seus districtos, aproveitar as boas disposições de uns, dissipar os preconceitos de outros, e despertar a actividade de todos para se conseguir similhante fim.

É sem duvida por districtos que a agricultura se deve principalmente melhorar, porque as circumstancias physicas de muitos d'elles são differentes e demandam variados remedios. Tambem não devemos esquecer que não é a agricultura como qualquer outra arte, em que a introducção de um novo motór, e a innovação de qualquer artificio póde de repente fazer total alteração no processo do fabrico: as mudanças nas praticas agricolas são de sua natureza morosas, e nem se fazem muitas vezes com impunidade. Só o tempo, e uma longa experiencia lhe vem dar por fim o cunho da utilidade.

É muito para lamentar que não progredisse o melhoramento das nossas estradas ha poucos annos começado, não só pelas grandes vias de communicação entre as principaes terras do reino, como pela abertura, e concerto dos caminhos de travessa, o que era mui facil depois. Só a provincia da Beira, se fóra bem aproveitada, nos poderia dar pão para seis mezes: mas o quasi forçado e exclusivo consumo dos generos no local aonde se produzem é uma das mais fataes restricções ao desenvolvimento agricola. Só a facilidade do transito poderá evitar que ás vezes cheguem a Lisboa os trigos d'Odessa talvez com menos despezas que os cereaes do Alemtejo!

Cumpre agora para mostrarmos como as outras nações teem adiantado a sua agricultura, que demos uma noticia resumida do estabelecimento, fins e immenso numero de sociedades agricolas nos paizes estrangeiros, especializando todavia o Reino Unido da Grã-Bretanha, não só por havermos maior conhecimento das coisas dessa nação, como por nos persuadirmos, que em tudo ella anda á frente da moderna civilisação.

Em 1793 foi estabelecida com approvação do Governo a Junta ou Conselho de Agricultura *(Board of Agriculture)* a que o Parlamento concedia annualmente um subsidio. Um de seus primeiros cuidados foi o exame e visita de todos os condados de Inglaterra, fazendo conhecer depois pela imprensa os diversos methodos de cultura privativos de cada um delles, e quaes os melhorados por empreza publica ou particular. Animava além disso todas e quaesquer experiencias tendentes ao progresso agricola, e assim naturalmente exercia a mais util influencia sobre as demais sociedades deste genero. Esta Junta foi dissolvida em 1816.

Da fundação porém da Sociedade Real d'Agricultura de Inglaterra data uma nova era na historia das instituições para o adiantamento da agricultura do Reino-Unido. Contando em Maio de 1838, epocha de sua formação, 466 membros, tão rapido ha sido o seu incremento que já tinha 7,000 por fins de 1844. Foi reconhecida, e confirmada pelo Governo em Março de 1840. Os fins da Sociedade são: 1.° colligir de todas as obras sobre a agricultura, e d'outras quaesquer todas as noticias e informações, cuja utilidade para os lavradores tenha sido já sanccionada pela experiencia: 2.° corresponder-se com as demais sociedades Agricolas, Horticolas, e outras, tanto nacionaes como estrangeiras, e aproveitar dessa correspondencia tudo o que na opinião da Sociedade fôr de interesse para a cultura do terreno: 3.° indemnisar de qualquer perda o proprietario ou rendeiro, que a pedido da Sociedade se tenha sujeitado á experiencia de um ou outro processo novo: 4.° animar o trabalho, e investigações dos homens de sciencia no que diz respeito aos melhoramentos agrarios, á construcção de cazas ruraes, á applicação de chimica á agricultura, á destruição de insectos, e extirpação d'ervas damninhas: 5.° promover a descoberta de novas variedades de cereaes, e de outras plantas proprias para alimentos dos homens, e criação de animaes domesticos: 6.° tractar da conservação, e augmento das mattas e florestas, plantações de arvoredos, valados e sebes, e de quaesquer outros objectos tocantes a melhoramentos agricolas: 7.° cuidar da educação dos que para sua sustentação, absolutamente dependem da cultura da terra: 8.° não perder de vista o adiantamento da arte veterinaria em suas applicações ao tractamento do gado vaccum, ovelhum, e suino: 9.° promover os mais apurados modos de cultura, e o melhoramento das raças dos animaes por meio de premios distribuidos nas secções provinciaes da Sociedade: 10.° concorrer para o bem estar dos lavra-

dores, e animar por todos os modos á cultura de suas hortas e jardins.

Mas além da amplitude de similhante programma, ainda a Sociedade mui especialmente concorre para o progresso agricola por meio de suas reuniões annuaes e successivas em cada um dos districtos de Inglaterra, estudando os seus variados terrenos, e climas, e as praticas locaes de cultura; de modo, que ao passo que tracta do melhoramento de todos elles, vae ao mesmo tempo nivelando os conhecimentos dos mais atrazados aos d'aquelles que acha mais instruidos na agricultura. Imprime a Sociedade um jornal destinado á diffusão dos principios agricolas, publicação de suas sessões, lista dos premios que concede, etc.

A exemplo d'esta se tem formado um immenso numero d'outras sociedades. No *Farmer's Almanack* do corrente anno contamos perto de 450, e quasi 200 com o titulo de — Clubs de Lavradores; — e segundo refere o auctor ainda não é o numero total de todas ellas!

A agricultura de Escocia muito deve tambem ás sociedades agricolas, que em epochas diversas alli se teem creado. A que foi estabelecida em 1784 analoga em meios e fins áquella de que acabamos de fallar, do mesmo modo publica um optimo jornal de suas transacções, e tem um Museu em Edimburgo.

Em 1841 formou-se na Irlanda a Sociedade Real de Agricultura debaixo do mesmo plano da Sociedade Real de Agricultura de Inglaterra; e já depois da sua creação muitas outras se teem estabelecido nas provincias. A Sociedade central tem em Dublin o seu Museu para deposito de instrumentos e machinas agricolas, sementes, etc. etc.: imprime e distribue por muito baixo preço pequenos folhetos para vulgarisar os conhecimentos de Agricultura, e tem como um de seus principaes objectos a fundação de um collegio agricola.

Não ha comtudo na Inglaterra escholas publicas aonde se combine a pratica com a theoria da cultura, á excepção do Collegio Real de Agricultura de Cirencester, fundado em 1845, e de que fallaremos depois. Na Universidade d'Oxford ha uma cadeira d'Economia Rural; na de Edimburgo uma outra de Agricultura, e outra de Chimica Agricola; e na Universidade de Aberdeen tambem ha licções de Agricultura. Desta falta de estabelecimentos publicos, como o de Grignon em França, resulta que os alumnos eram até aqui obrigados a irem estudar com os mais acreditados lavradores de differentes condados, plano, que ainda que mui proficuo para aprender a parte pratica, é demasiado imperfeito para adquirir o conhecimento dos principios scientificos da cultura. Algumas escholas e quintas-exemplares ha já estabelecidas por particulares; e em 1845 se fundou o Collegio Real de Cirencester. Contém este estabelecimento 450 geiras, (de que 420 são para lavoura) de variado caracter e torrão. Empregam-se os melhores systemas de cultura, e a creação dos gados está ligada a uma queijeira, e fabrico de manteiga.

Todas as experiencias são tentadas de modo que se não arrisquem resultados geraes — a fim de que os alumnos possam com segurança inculcar e seguir esses processos em suas futuras occupações; mas não obstante se reserva uma pequena porção de terra para toda a sorte de experiencias. Ha alumnos externos, e pensionistas que pagam 30 libras annualmente e só são admittidos de 14 annos para cima. Dura 2 annos o curso theorico, e comprehende: 1.º Instrucção oral na agricultura pratica; 2.º Geometria elementar applicada á medição da terra, nivelamentos etc. etc. 3.º Mechanica em suas applicações aos instrumentos agrarios, construcção de tilheiros, e abrigadouros. etc. etc. 4.º Hydraulica applicada ás valagens e irrigações. 5.º Desenho de planos para instrumentos e edificios ruraes. 6.º Chimica e Physica em suas relações com a cultura. 7.º Mineralogia e Geologia. 8.º Botanica, Physiologia vegetal, e Zoologia. 9.º Elementos da Arte Veterinaria, e 10.º Contabilidade Agricola.

Os alumnos passam metade do dia na quinta, e tomam parte em todos os trabalhos braçaes da cultura; e assim se instruem não só nas diversas operações, como no manejo dos instrumentos proprios. O edificio do collegio é mui espaçoso: tem bello refeitorio, museu, livraria, laboratorio chimico, além de differentes officinas, etc.

Em Glanoven, na Irlanda, tambem ha uma quinta-exemplar aonde, conjuntamente com a theoria, se aprende a pratica da cultura. O Seminario de Temple Moyle, perto de Londonderry, é igualmente uma das boas escholas do Reino-Unido. Começado em 1827 por uma sociedade de particulares, já em 1844 contava para cima de 400 alumnos.

Em França, pelo contrario, é o estado quem sustenta varias escholas, aonde se ensina a theoria e a pratica *. A de Grignon é de todas ellas a mais famosa não só por ser estabelecida em um palacio real, com todas as suas pertenças de avultada porção de terra de lavoira, pastos, mattas, lameiros, etc., como pelo numero de seus professores, e programma de seus cursos. Os professores são pagos pelo estado, e ha diversas classes d'alumnos. A distribuição dos estudos é como se segue: 1.º Principios d'Agricultura racional, e direcção e governo de uma fazenda. 2.º Principios de economia rural, applicados ao emprego dos capitaes agricolas. 3.º Methodos mais approvados de contabilidade rural. 4.º Construcção de predios rusticos, estradas, e instrumentos agrarios. 5.º Physiologia vegetal, Botanica. 6.º Horticultura. 7.º Sciencia Florestal. 8.º Principios geraes de Veterinaria. 9.º Legislação a respeito da propriedade. 10.º Geometria applicada ás medições do terreno.

* O estabelecimento de Grignon foi fundado em 1827 por uma sociedade anonyma. Carlos X associou-se a esta grande obra nacional comprando a propriedade de Grignon, e offerecendo-a á sociedade por 40 annos debaixo de certas condições. A extensão do terreno é de 900 geiras; e a sua natureza geologica mui diversa — cretaceo, marnoso, calcareo, e silico-argiloso. Os alumnos passam successivamente por todo o genero de trabalhos agricolas, e são especialmente encarregados dos animaes doentes. A duração dos cursos é de 2½ a 3 annos. O custo da pensão é na 1.ª classe de 1.200 a 1.500 francos, na 2.ª de 850 a 1.200, e na 3.ª, que é dos externos, de 200 a 500. O numero dos alumnos varia de 60 a 80. Não são admittidos antes dos 18 annos d'idade; e devem saber os 4 primeiros livros de geometria, arithmetica, e algumas noções de physica. (Vide Notice sur l'Institution Royale Agronomique de Grignon. Année 1845).

*

11.° Desenho geometrico d'instrumentos. 12.° Physica applicada á Agricultura. 13.° Chimica applicada á analyse das terras, e estrumes. 14.° Noções geraes de Mineralogia, e Geologia. 15.° Medicina Domestica para uso dos lavradores.

Os estudos praticos marcham sempre a par dos theoricos. Ao passo, por exemplo, que uns alumnos trabalham sob a direcção do professor de Veterinaria, fazendo as operações exigidas no tractamento dos gados do estabelecimento, são outros destinados para a cultura das hortas e jardins; outros para as plantações d'arvores e mattas; outros para a inspecção e reparos dos edificios ruraes; para o fabrico das feculas; para a manufactura da manteiga e queijo; para a repartição da botica; para a contabilidade, etc. Qualquer alumno entrado de novo é logo entregue ao cuidado d'outro que já tenha 2 annos d'estudo na eschola; e todos os estudantes são obrigados a apresentar semanalmente um relatorio dos trabalhos de que houverem sido encarregados. O mestre que preside a toda a parte pratica explica no proprio local a maneira de executar as diversas operações da cultura; e todos os demais professores teem sobre tudo em vista a parte experimental da sciencia que ensinam: por exemplo; o lente de Botanica as herborisações; o de Chimica o exame geologico e analyse do terreno; o de Mathematica as medições e nivelamentos. Concluidos os estudos tanto theoricos como praticos, são os alumnos examinados por todos os seus mestres, e, sendo approvados, se lhes passa uma carta de engenheiros agricolas.

Na Allemanha sustenta o estado em varios pontos instituições para o melhoramento da Agricultura. Em quasi todas as provincias da Prussia ha academias, e quintas-exemplares publicas. Uma das mais nomeadas é a de Mogelin no Brandeburg, que tem differentes professores de Mathematica, Chimica, Geologia, Botanica, Veterinaria, etc.; um jardim botanico, um herbario, e um museu com esqueletos dos animaes domesticos, modelos d'instrumentos agrarios, especimens de terrenos, etc.

Em Hohenhem, no Wurtemberg, ha um collegio agricola com duas classes de alumnos. Os da primeira não trabalham na pratica, como os de Grignon, mas a sua instrucção theorica é mui completa. Tambem tem annexo este collegio um jardim botanico, um museu, e uma livraria de obras sobre a Agricultura. Além d'isso tem diversas officinas para a manufactura do assucar de bettarraba, para o fabrico da cerveja e aguardente de batatas, e uma caza destinada para a creação dos bichos da seda. A segunda classe de alumnos faz todo o trabalho manual, e por essa rasão é quasi inteiramente mantida pelo estabelecimento.

Emfim na Baviera, e em alguns outros estados da Europa, ha tambem instituições analogas.

Em presença do quadro que acabamos de traçar dos meios empregados pelas nações mais illustradas para o aperfeiçoamento da sua agricultura, podemos com segurança dizer que nada havemos feito pela nossa. A cadeira d'Agricultura, Economia Rural, e Veterinaria, creada na Universidade pela reforma de 36, não póde preencher o fim que se pretende. Não é junto de um estabelecimento d'instrucção superior, fazendo parte de uma faculdade, e sugeita ao methodo d'ensino, e mais disposições estatutorias da Universidade de Coimbra, não é, repetimos, que similhante cadeira póde servir na pratica da cultura. Apenas tem contado 6 discipulos, por termo medio, n'estes ultimos 10 annos; e isso mesmo são estudantes *ordinarios*, que carecem d'este curso para obterem as cartas de formatura em Philosophia Natural.

É verdade que na lei da ultima reforma d'instrucção lá vem consignadas no titulo 4.°, artigos 88 e 89 não só a creação de uma ou duas escholas praticas de agricultura, como tambem a producção de sociedades agricolas em todas as capitaes de districto. Tambem anteriormente appareceram nas côrtes alguns projectos para creação de institutos agricolas, etc., mas tudo tem ficado sem o menor resultado. O que, porém, nos parece desde já mais necessario, e de mais immediato interesse, é o estabelecimento de sociedades agricolas em varios pontos do reino; porque estas levariam os proprietarios mais abastados á execução dos melhoramentos agricolas, e com o exemplo de um productivo e seguro resultado, iriam pouco e pouco chamando a repeti-los os seus visinhos mais timidos e mais ignorantes. Além d'isto muito podiam fazer pela dessiminação de pequenos escriptos sobre objectos da cultura, pela distribuição de premios aos melhores creadores de gado, melhoramento das raças d'animaes, etc., etc. Basta que copiemos e adaptemos ao nosso torrão e clima os meios que as outras nações teem empregado, e obteremos as mesmas vantagens que ellas teem alcançado. Oxalá que os nossos estadistas e os nossos ricos proprietarios das provincias deem uma vez o necessario impulso ao melhoramento da nossa definhada agricultura. Já não é cedo. A epigraphe de Columella, que escolhemos, é um verdadeiro e pungente epigramma á nossa situação. Temos escholas de musicos e dançadores: só a agricultura não tem um só mestre que a ensine. *Panem et Circenses*, diziam os romanos. Circenses temo-los nos de sóbra; é justo que nos deem agora o pão que nos falta.

R. Fernandes Thomaz.

Preparação da Manteiga.

65 O Dr. Trommer, na sua obra *das Molkenwesen*, recommenda, afim de obter-se a maior porção possivel de nata, ajuntar ao leite 1 por cento de sóda, e de levar esta quantidade a 1 ½ por cento durante a estação calmosa.

A addicção de sóda tem as seguintes vantagens: —

1.° O grande numero de vasilhas de que se serve actualmente para a separação da nata, torna-se desnecessario. Nas grandes fabricas de manteiga póde-se até usar de vasilhas que levem 80 a 160 canadas de leite, e até mais.

2.° A materia de que se fizerem as vasilhas é indifferente, assim como a fórma d'ellas. Comtudo aconselha, para maior presteza, vasilhas de madeira, cujo diametro seja de duas vezes a sua altura, para se poder collocar um orificio na extremidade inferior, por onde possa sahir o liquido que se fórma por baixo da nata.

Estas vasilhas devem ser tapadas.

3.º Todo o local lhes convem, uma vez que não seja em sitio onde o leite se gele.

4.º O cuidado no aceio não é tão minucioso, pois que se succeder azedar algum leite nas vasilhas, a sóda neutralisa-lhe os seus effeitos.

5.º Alcança-se por este processo toda a quantidade de nata que o leite póde ministrar. Se se juntar a 80 canadas de leite pouco mais de um arratel de sóda, a nata produz a mesma quantidade de manteiga.

PARTE LITTERARIA.

SACRIFICIO HERDADO.

(Continuado do n.º 4.)

66 O QUADRO, que muito imperfeitamente acabo de esboçar, não o devem considerar como obra da phantasia.

A criada do convento, que vi chorar na *grade*, muitas vezes o repetiu á Prioreza, que, no tempo em que essa terrivel scena se passou, era uma creança, para quem, ainda no berço, talhavam a mortalha de quantos affectos podessem vir a ligar o seu coração ao mundo.

Causará admiração, que fosse a aia da filha de Ursula, e não esta, quem contasse á virtuosa freira tão triste acontecimento; mas o final da historia, que é o complemento do sacrificio, esclarecerá este ponto.

Ursula voltou á vida, ou, para melhor dizer, sentiu-se viver, para da paz do tumulo voltar aos tormentos da ultima agonia.

E antes de passar adiante, não me póde esquecer uma circumstancia celebre do successo que estou narrando.

Aquelle livro das *Saudades*, que, ao cahir no chão, se fechou, pouco antes que os labios de Pedro se abrissem para converter as saudades em pezares, nunca mais foi aberto, e religiosamente se tem conservado, sem que os olhos que, assim fechado, o consideram como uma reliquia do amor santo de mãe, vissem nunca uma só de suas paginas.

Quando nas mãos da Prioreza vi este livro, admirei-o como a sepultura de uma esperança que não tivesse de se abrir nem para dar jasigo a outra! Ao mesmo tempo pensei que, talvez por sua causa, não ficou Ursula morta aos pés de Pedro, quando o animo lhe faltou para vêr rasgar de todo o véu, que mal lhe escondia as illusões, que por muito tempo a encantaram.

Ursula tinha sido seduzida por Pedro, sem lhe saber da nobreza. A infeliz só o amava pela alma, que julgava conhecer; mas esta doce esperança foi-lhe mentida.

Era filha de boa gente, mas o laço da seducção a foi buscar ao aprisco da virtude, em que a sua innocencia fazia parte do patrimonio da sua numerosa familia. N'aquelle tempo, esses livros de amores e paixões fortes, que hoje correm com profusão por todas as mãos, só por milagre se abriam ante os olhos de uma donzella. Não vem para o caso discutir aqui, em these, se a sua leitura era mais perigosa então do que hoje, porque eu não quero tirar nenhuma regra geral do facto isolado a que me estou referindo.

Desde os primeiros dias da infancia, Ursula conhecêra em si uma predestinação occulta, que ora a elevava para uma esphera mais alta que a da sua obscura existencia, ora a parecia arremeçar para um abysmo que a tragava.

Esta disposição de entendimento, que padecia pela propria força que o animava, augmentou ainda mais com a leitura d'esses livros que a furto pôde obter.

Foi em taes circumstancias que um d'aquelles ternos amantes das novellas, que enthusiasmavam nossos paes, pareceu surgir das paginas dos livros que andava lendo, para, disfarçado em caçador, captivar o coração da pobre donzella.

Pedro era o primogenito de uma caza titular. O tempo era a coisa que mais lhe pesava na vida, porque não conhecia a necessidade do trabalho. A leitura tinha servido de meio para a sua educação, mas não de fim a que ella se dirigisse. A companhia de alguns poetas, que se reuniam em caza de seu pae, lhe plantou na alma, como uma consolação para o aborrecimento em que vivia, o gosto de ler, mas raras vezes, algumas paginas de poesia. As caçadas eram o seu mais querido divertimento. Andando sempre só nas suas correrias, ao ver a seductora lindeza de Ursula, sonhou uma aventura que, por mal da misera, se realisou completamente. O primeiro momento, em que ella pensou, foi o ultimo do delirio de um primeiro e louco amor. E em vez de um anjo, que não deixasse manchar as suas azas pelas mãos do crime, converteu-se na victima que, alimentada pela ancie-

dade de uma remota esperança, seguiu o seu algoz.

Uma noite deixou a caza em que passára a infancia, e na qual a lembrança do seu erro a perseguia continuadamente. Não era já o amor, que a levava para longe de seu pae e de toda a sua familia. As consequencias funestas da paixão que, como vibora alimentava no peito, aterravam-n'a como se fossem spectros, que das campas viessem zombar das falsas illusões da vida.

As ultimas palavras, que proferiu antes da fuga, retratam bem a situação da sua alma:

— Pedro, jura-me que eu não vou sahir para sempre d'esta caza; jura-me que hei de aqui voltar tua mulher na presença de Deus, porque só assim terei animo para implorar de meu pae e de minha mãe o perdão que não mereço!

Pedro jurou, e a infeliz não podia suspeitar que, em momento tão solemne, a blasphemia manchasse os labios do homem, que ella amava com toda a devoção da sua alma. Como a innocencia é sempre credula, e o crime sempre ardiloso, Pedro teve meios de illudir Ursula ácerca da caza para onde a levou, e da situação que a esperava. Havia dias, que elle lhe asseverára que estavam para cessar os inconvenientes, que tinha sido mister vencer para se realisar o casamento, quando de subito veio apresentar aos olhos da mãe sem ventura o futuro, que lhe preparava.

O coração de Ursula só sabia amar e padecer; este sentimento era o seu brazão: não tinha outro, nem o podia ter mais nobre. Era-lhe tão impossivel occultar o seu amor, como abafar a dôr do padecimento que a matava.

Como mulher, cahiu quasi sem vida ao pé do berço da filha que tanto amava; como mãe, repudiou dignamente a deshonra, que as conveniencias de uma familia descarregavam não só sobre ella, como tambem sobre a sua filha.

Pedro tinha ainda os braços cruzados sobre o peito, e olhava espantado em volta de si, quando a mulher, que a seus pés cahira como uma estatua, lhe segurou em um braço, como resuscitando para outra vida, e lhe disse:

— «O sacrificio está completo!»

Pedro porém recuou ao desconhecer a voz imperiosa que lhe fallava; e Ursula, mudando completamente o tom de voz, fallou como se cada palavra fôra um gemido:

— «Não vou supplicar-te, porque te amei, mas porque o coração me obriga a cumprir o dever de mãe. Este sacrificio deve ter só uma victima, e essa sou eu. Por um crime me separaste de meus paes, para o expiar me separarei de minha filha; mas não a renegues no berço, não a sepultes em um claustro, se para ahi não a levar a sua vocação. Faze com que não herde este sacrificio, que d'ora ávante será a minha vida, porque a podes dotar com o patrimonio de amor que um pae deve a seus filhos. Engeita a mão que te offerecem sobre um brazão, como eu engeitaria a tua se m'a offerecesses depois de assim teres desfeito o throno de affecto, até onde te elevára o coração virtuoso de uma mulher.»

Esta supplica tão nobre não teve resposta.

Os amores de Pedro, sabidos em Lisboa, tinham movido a exigencia formal, que elle nunca tivera tenção de combater.

Na presença do effeito que a sua resolução causou em Ursula, não se atreveu mais a fallar-lhe no casamento que lhe preparava, com um mordomo que fôra de sua caza, e apenas insistia no destino da filha, que lhe recordava a sua perfida seducção.

Ursula, depois de lhe ouvir algumas palavras a este respeito, manifestou, por um gesto rapido, que havia tomado uma resolução firme, e ajoelhando ao pé do berço, tomou nas suas mãos, frias como a pedra, as mãosinhas da filha, e por instantes olhou para ella com a vista immovel, e na qual se não percebiam nem as lagrimas que, como perolas, lhe saltavam das palpebras. Quando um sorriso desabrochou nos labios do anjo, que ainda não comprehendia as lagrimas, verdadeira linguagem da terra, Ursula inclinou a cabeça, e as faces lividas da mãe orvalharam por longo espaço com pranto as candidas faces da filha!

Antes d'esta scena, Pedro havia dito, que, devendo voltar n'essa noite para Lisboa, julgava dever dizer-lhe, que na manhã seguinte sua tia mandava buscar a creança, de quem a sua alma bemfazeja se quiz encarregar, e que ao outro dia elle voltava para, pela ultima vez, tractar do seu futuro.

E tinha já partido, quando Ursula, havendo tomado uma resolução, que era desesperada mas nobre, se estava para sempre despedindo da filha.

Tão dolorosa despedida durou toda a noite, e nem a luz do sol a veio interromper. Durava ainda quando uma carruagem parou á porta, e duas senhoras, vestidas de preto, se apearam e

foram ter ao quarto de Ursula. A infeliz mal as viu: só lhe ficou a recordação de que dois vultos negros se dirigiram para o berço da filha, e que, ao quere-la arrancar dos braços de um d'elles, a luz lhe fugiu dos olhos, e a vida do coração!

Como mulher, tinha cedido outra vez á força da dôr; como mãe, tambem outra vez se levantou para cumprir o proposito firme que havia formado no mais intimo da sua alma.

Pedro, quando voltou, não encontrou Ursula, e ninguem lhe soube dar noticias d'ella. *

(Concluir-se-ha.)

O Sultão.

Signor di cento popoli
Di cento belle sposo,
Tutto che il Tauro germina
E accoglie il Caspio ondoso,
Tutto é vassallo a te.
Sovra guanciali assirii
La voluttà sospira,
Ferve tra i nappi, e al tremito
Della gioconda lira
Calano i sogni al re.

L. CARRER — *Il Sultano.*

67 Estava o sultão sentado
No seu cochim de brocado
Na sala d'oiro e setim,
Com seu turbante mourisco,
Turbante de argenteo disco,
Com seu punhal de marfim.

Ás queixas de escravos miseros
As hostes vis dos janizaros
A entrada vedam do harem:
— Não entres, que a fronte arriscas
Onde entram só odaliscas,
Eunucos e mais ninguem.

Eunuco pagem d'Arabia,
Do turco na lingua sabia
Um hymno cantava assim;
Cantava em seu alaude,
Aos pés do rei Mohamude
Sentado no seu cochim:

«Tu és o sol do deserto
«Por quem a aurora e eu verto
«O pranto da adoração:
«Tu és o grande dos grandes;
«A luz celeste que expandes
«Do céu deslumbra o clarão.

«Tu reinas aonde outr'ora
«A Grecia dominadora
«Altiva a fronte elevou;
«Tens d'Alexandre o imperio,
«Que desde o pego cimmerio
«Até á Arabia chegou.

«Tens as soberbas do Egypto
«Pyramides de granito,
«Os muros tens de Sião,
«O chão de Troia e Palmira,
«E os areaes de saphira
«Por onde corre o Jordão.

«Tu és d'aurora o planeta,
«Tu és a luz do propheta,
«O astro de Salomão;
«Tu és o sol do deserto,
«Por quem a aurora e eu verto
«O pranto da adoração.»

O pagem assim cantava.
Do Bosphoro a onda brava
N'arêa partir-se vem.
O pagem seu canto finda,
Que chega alli a mais linda
Das odaliscas do harem.

É Sara a israelita,
Que dizem a favorita
Agora ser do sultão;
É Sara, de lindo seio,
A mais formosa que veio
Das onze tribus de Abr'hão.

Seu rosto luz como um astro,
O collo tem de alabastro,
Das tranças é negra a côr;
Seus meigos braços luzentes
São duas magas serpentes
No collo do grão-senhor.

Seus olhos são como a aurora,
Que brilha a um tempo e que chora
Nas folhas que a rosa tem;
Da aurora sómente o pejo
Não tem, que por cada beijo
A louca responde cem...

E em vez dos cantos do pagem,
Que sons de beijos que a aragem
Trazia junto do harem!
Que sons d'amor murmurava!
Do Bosphoro a onda brava
N'arêa partir-se vem.

Sacia torpes desejos,
Ó turco, que d'esses beijos
Comprados não quero eu;
Sacia, que eu não trocára
A minha lyra por Sara
Com todo o dominio teu.

Sacia, que a liberdade
Não troco por ver metade
Do mundo beijar-me os pés;
Que eu amo errar pelas vagas,
E vagabundo nas plagas
Ser livre, qual tu não és.

* Não foi possivel, por causa da abundancia de materias obrigadas, concluir n'este numero o *Sacrificio Herdado.*

Que eu amo a voz do deserto,
As vagas do mar incerto,
Da tempestade o fragor;
Que eu amo as faces da rosa,
Da virgem mais amorosa
Tingirem-se de pudor.

Que eu amo, em vez de ternura
Comprada na bocca impura
De impura, vil cortesã,
D'amor furtar o segredo
Á virgem que o diz a medo,
Vermelha como a romã.

Que eu amo sentir o peito
Bater em gosos desfeito,
Se aperto virginea mão;
Que eu amo o tempo tão curto
De um beijo colhido a furto
N'uns labios que castos são.

A. de Serpa Pimentel.

Theatro Portuguez.

68 Não vae longe a epocha, em que o nosso theatro era completamente nullo. Não tinhamos caza para as representações, nem reportorio, nem actores. — Este mal carecia de um heroico remedio; porém todos se inclinavam antes a crêr que a enfermidade era incuravel — com o mesmo desanimo que nos acobarda á idea de qualquer genero de regeneração. Todavia, o milagre fez-se — e foi um verdadeiro milagre! — Tivemos um theatro, talvez mais rico do que comportavam as nossas debeis finanças; — tivemos dramas — não fallo de algumas das semsaborias que por ahi se tem rabiscado, embora premiadas pelo Conservatorio Real, ou approvadas para a scena pela Inspecção dos Theatros, e Commissão Fiscal; — tivémos dramas, repito, muito regulares, escriptos em portuguez castiço, e cheios de interesse; — e finalmente, a nossa scena enriqueceu-se com uma collecção de actores de subido merecimento — cujos nomes é superfluo repetir; ahi andam na bocca de todos os que apreciam a arte dramatica.

Mas com este complexo de elementos, alcançados á custa de tanta fadiga, que monumento erguemos á Arte? — Apenas elevado, desabou. — O rico theatro lá está com os seus marmores e doiraduras, — porém, que espectaculo nos dão ahi? — Uma ou outra má traducção; e lá a espaços — como o fulgor do meteoro — alguma peça original, mais ou menos defeituosa... O *Frei Luiz de Sousa* ainda não mereceu as honras da representação em o nosso primeiro theatro! — Quanto a artistas estão ahi alguns dos mais talentosos, mas não são sufficientes para as necessidades de um tal theatro: — os Srs. Sargedas e Victorino andam fazendo as delicias dos nossos aldeões por feiras e arraiaes; e a Sr.ª Emilia se quiz apparecer sobre a scena, foi recitar uns lindos versos no agoirento theatro do Salitre.

Não sei eu quem tem justiça n'esta, já tão velha, questão de artistas — não sei, repito, quem tem a rasão pela sua parte — nem quero saber... para quê? — O que importa a todos os portuguezes — que se não despresam de gostar de theatro nacional — é saber que não temos em exercicio um numero sufficiente de actores, e que a primeira actriz portugueza está alistada n'esse numero.

O nosso theatro está em estado de não poder representar muitos dramas excellentes, por falta de actores; — e além d'isso, é vergonha que andem trabalhando em companhias ambulantes dois artistas de merito como são os Srs. Victorino e Sargedas. Ácerca da Sr.ª Emilia já tanto se tem dito, que apenas accrescentarei duas palavras — sem intenção de lisongeal-a. Aquella actriz faz uma falta immensa ao nosso theatro, e ninguem tem direito de lhe cohibir a entrada n'aquelle palco — nem creio que vontade.

Ora — auctoridades theatraes não faltam! O Inspector e seu Secretario; a Commissão do theatro de D. Maria II, e o seu Fiscal, — e, em ultima instancia, o Ministro dos Negocios do Reino, tractem pois da precisa conciliação, e não se vexem de descer a um objecto theatral; lembrem-se que o talento tem os seus fóros, e que é necessario desculpar alguma coisa a quem possue merecimento distincto.

Se porém a Sr.ª Emilia não quizer sugeitar-se a servir com uma rasoavel retribuição, — se o Sr. Sargedas preferir a vida nomada, que leva actualmente, ao trabalho de um bello theatro com a possivel remuneração, — n'esse caso — e só n'esse caso — abandone-se a idéa de tornarmos a vêr um drama desempenhado com perfeição em todas as suas partes, — e volte outra vez o nosso theatro para o cathalogo dos *Impossiveis!*

F. M. Bordalo.

NOTICIAS.

Actos Officiaes.

30 DE NOVEMBRO A 1 DE DEZEMBRO.

Diario n.º 284.

69 DECRETO, regulando a despeza do Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

Dito n.º 285.

Portaria, mandando pôr a concurso a construcção de matadoiros publicos, com as condições sobre a construcção dos mesmos.

Burla frustrada.

70 EM um dos dias do passado mez, appresentou-se na Alfandega de Londres, um homem para despachar certa quantidade de relogios, declarando que eram de oiro, e como tal tractou de pagar os direitos em relação a 700 libras de valor.

Obtido o despacho da Alfandega, vendeu-os em leilão. Os compradores vendo o certificado da Alfandega não suspeitavam a burla que os aguardava. Os relogios eram de prata galvanisados, e valiam apenas 70 libras.

A Alfandega não suppunha até esse dia, que tambem tinha que averiguar a verdade das declarações, de que resultasse o pagamento de maiores direitos de que os devidos.

O especulador está em processo.

Sociedade Thalia.

71 Esta mui intelligente e elegante Sociedade prepara para este inverno alguns dos seus encantadores serões.

Antes do fim do mez que vem, os distinctos associados representarão uma comedia do Sr. Corvo — *Um conto ao Serão.* O auctor escolheu a epocha de D. João V, e dizem-nos que foi tão feliz no desempenho do seu trabalho, como na escolha do assumpto. A nossa litteratura dramatica precisa que homens de talento como o Sr. Corvo, retratem algumas das epochas da nossa historia, com as côres proprias da alta Comedia.

Reclamação importante!

72 Um medico de Grenoble, M. Sylvain Eymard, escreve á Academia de Medicina de Pariz uma carta, na qual estranha que a Commissão Medica que o governo encarregou de estudar a Cholera, o não tenha citado, quando emitte a opinião de que esta epidemia, segundo as apparencias, talvez não invada a França, porque elle, M. Eymard, faz 16 annos que emittiu esta mesma opinião, que tem hoje força de um facto consummado, previsto e annunciado por elle!!

Em vista desta reclamação nós pensâmos que a *prioridade* da *adivinhação* pertence de direito ao dito Sr. Eymard, e não á Commissão Medica, que andou pouco lealmente em não ter feito conhecido o nome deste Bandarra de nova especie.

S.

Tremores de Terra.

73 De Albarrazin (Hespanha) a auctoridade ecclesiastica n'um bem traçado officio dirige-se ao governo pedindo providencias e auxilios pecuniarios, a fim de se repararem os estragos feitos pelos tremores de terra que se tinham sentido no mez passado, e se repetiram no primeiro do corrente, padecendo sobre tudo o formoso templo de Oribuela, que ameaça ruina, se não lhe acudirem de prompto, bem como á egreja de Nogueras e outras da Diocese.

Estes abalos de terra causaram grande susto nos habitantes, e damnificaram edificios particulares. Alguns ribeiros seccaram instantaneamente, e outros variaram na direcção da corrente.

Pelo *Correio Michaelense* de 11 do corrente nos consta, que na ilha de S. Miguel tinha havido alguns tremores de terra, sendo os ultimos nos dias 4 e 5 do corrente; os dos dias antecedentes arrazâram muitas cazas na Varzea; não morreu ninguem. Tambem soffreram ruina as cazas dos logares de Candelarias, Ginetes, Mosteiros e Feteiras: grande parte dos habitantes dessas povoações tem habitado em choupanas de palha.

Theatro no Conservatorio.

74 Consta-nos que se vae construir um Theatro no Conservatorio Real da Arte Dramatica, como complemento indispensavel desta instituição.

A despeza foi orçada em cinco contos de réis. Parece que o capital preciso para este louvavel alvitre se realisar, será gratuitamente emprestado.

O Sr. Conde do Farrobo trabalha com empenho para que cedo comecem as obras.

Novo Hospital de Alienados.

Recebemos com a maior satisfação de pessoa competente as seguintes informações, que mui gostosamente vamos communicar ao publico.

75 A Commissão, creada para o melhoramento do novo Hospital de Alienados, instalou-se no dia 20 em caza do seu Presidente o Sr. Marquez do Fayal, e nomeou Secretario o Sr. Dr. Beirão.

No dia 21 reuniu-se no convento de Rilhafolles com o Ministro do Reino, que merece os maiores elogios pelo zelo e intelligencia com que tem conduzido este negocio; inspeccionou o edificio, e achou que com muito pequena despeza ficará um asylo de alienados egual aos melhores da Europa. Na opinião do Sr. Dr. Bernardino poderá vir a ter bastante analogia com o hospital de Munich.

Até ao meado Dezembro corrente ficarão já alli 100 alienados, emquanto o edificio não é de todo evacuado pelo collegio. Esta remoção trará uma grande desaccumulação de gente no Hospital de S. José, que tão necessaria era nas presentes circumstancias.

O Sr. Dr. Beirão é o Medico do Hospital de S. José que interinamente vai dirigir o estabelecimento.

O edificio de Rilhafolles ficará sendo primeiro asylo d'alienados incuraveis, e segundo hospital dos alienados curaveis.

O edificio parece ter proporções para 300 a 400 enfermos.

O objecto mais importante de que tem a occupar-se a Commissão, é de designar qual será o modo mais suave de crear uma receita que cubra a despeza presumivel do estabelecimento.

É um objecto para que todos concorrem da melhor vontade: o Sr. Conde de Redondo já permittiu que as janellas do edificio, que se abriram sobre a sua quinta de Santa Martha com licença sua no tempo que era collegio militar, continuem a estar abertas, vista a nova applicação que o edificio vai ter: por este feito é digno d'elogio.

Uma das vergonhas de Portugal vai terminar; a outra — as cadêas publicas — para quando ficará?

Quintas-modêlos. — Exposição de industria em França.

76 O Ministro do Commercio e Agricultura acaba de dirigir duas circulares aos perfeitos de toda a a França — na 1.ª pede-lhes esclarecimentos sobre o estabelecimento de quintas-modêlos, e pergunta-lhes qual é o estado em que a àgricultura se acha no seu departamento: — na 2.ª convida-os a participar-lhe immediatamente quaes serão os productos agricolas

de todas as castas, de toda a natureza, de todas as fórmas, de todo o grau de vegetação, animaes, plantas, grãos, flôres, fructas, etc. que poderão appresentar as diversas localidades do seu departamento, e que deverão figurar de uma maneira vantajosa na grande exposição que se projecta para o proximo anno.

Devoção singular.

77 Assiste para Buenos-Ayres uma mulher que por singular devoção deseja sempre passar as noites na Egreja em que fica exposto o SACRAMENTO. Chega a ir fóra de portas se lhe consta que a deixarão ficar na Egreja depois de fechada a porta. Tem uma filha que apenas contará seis annos de edade, mas que mui contente acompanha a mãe, todas as noites que a deixam ficar em qualquer Parochia ou Ermida que recebe o SACRAMENTO.

Inspecção proveitosa.

78 Sua Magestade a Rainha tem feito ultimamente mais de uma visita á Misericordia de Lisboa. Consta-nos com certeza, que em taes visitas não houve prevenção. Achâmos o alvitre acertadissimo, porque só assim ellas podem ser proveitosas, para se avaliar o estado verdadeiro de qualquer estabelecimento. Apesar do assumpto ser muito delicado, pela grave responsabilidade que envolve, como se possam dar circumstancias em que esta seja geral, e não especial, devemos dizer que nos consta, que a situação dos infelizes estava muito aggravada pela falta, e pouco aceio de roupas, assim como pelo grande numero de creanças distribuidas a cada ama. Parece que até se appresentou o caso de uma ama alimentar 8 creanças.

Depois das visitas de S. M. appareceram annuncios para augmento de amas, o que nos fez accreditar na exactidão das informações que tivemos. Tambem-nos consta que S. M. a Rainha pensou uma creança, para praticamente ensinar como se deve caridosamente, e com cuidado, tractar esses pobres innocentes,

Folgâmos em que mais esse nobre exemplo de caridade christã descesse do throno, para se juntar a tantos que nas eras passadas ligaram o amor e o respeito dos povos ao sceptro dos nossos reis.

Theatros.

79 Temos visto com satisfação que a empreza do theatro de S. Carlos tem, na presente estação, feito verdadeiros esforços para agradar ao publico, e desejaremos poder continuar a louva-la por este seu proceder, que, não se alterando, lhe ha de fazer voltar novamente as sympathias que nas ultimas *epochas* a tinham desamparado. A nova dança, cortada como nós a vimos, é um espectaculo que merece ser visto. A riqueza do vestuario eguala a pompa das scenas — a ultima é a gloria de papelão mais original que tem servido de final obrigado ás danças do nosso theatro. Bem allumiada é de um effeito magestoso. A Sr.ª King, que se estreou n'esta dança, é uma dançarina excellente, mas só na parte plastica da arte. Como obra de habilidade e de força, o seu dançar é digno do maior elogio; como pensamento que se transforma nos mysterios dos gestos e das posições: o seu methodo tem pouco valor. A prova está no effeito agradavel que ao seu lado está fazendo a Sr.ª Bussola, apezar de não se poder considerar como o typo da *dança intelligente*, porque vae mais do que um passo da rocha tarpeia das suas voltas ao capitolio, desenhado pela dança graciosa das Claras e das Mabilles.

Os Lombardos de Verdi voltam á scena.

No theatro de D. Maria II o drama *João Baptista* ou o *Coração de Oiro* agradou muito. No dia 17 o Sr. Theodorico Junior faz o seu beneficio com o *Alcaide de Faro*, pois que a Empreza do Theatro de S. Carlos lhe facultou gratuitamente o corpo de baile, que era indispensavel para o drama do Sr. Cascaes tornar a ser representado. O Sr. Theodorico tem dado incontestaveis provas de intelligencia, e no reportorio do theatro *ha papeis* aos quaes com rasão póde chamar *seus*. O nosso louvor por esta occasião não é uma recommendação inutil, mas significa um acto de merecida justiça.

COMMERCIO.

80

ALFANDEGA DO TERREIRO PUBLICO EM 23 DE NOVEMBRO.

Generos	Moios	Preço por alqueire
Trigo	8:621	400 a 520
Cevada	2:217	220 a 240
Milho	842	300 a 340

—Na praça de Londres, foram, em 25 de Novembro, cotados os fundos publicos das differentes nações do seguinte modo:

FUNDOS INGLEZES.

Do Banco			187	189	Por 100.
Consolidados	3 p. %		87¼	87½	»
Redusidos	3	»	86	86¼	»
Fundos	3½	»	86½	86¾	»
Exchequer bills			41	44 março	Premio.
			38	41 junho.	

ESTRANGEIROS.

Belgas	4½	»	—	—	Por 100.
Brasileiros	5	»	73	75	»
Dinamarquezes	3	»	—	—	»
Hispanhoes	5	»	11¾	12¼	»
Ditos	3	»	25	25½	»
Hollandezes	5	»	73	74	»
Ditos	2	»	48	48½	»
Mexicanos	5	»	21	21½	»
Portuguezes	4	»	24½	25	»
Ditos consolid. 1841	—		23½	24½	»
Ditos divida interna	—		Sem preço.		—
Russos	5	»	99	102	»

—Na mesma praça foram cotados os cambios para com as outras praças do modo seguinte:

CAMBIOS.

Lisboa		52	52¼	Por 1$000 rs.
Porto		52½		»
Rio de Janeiro		23	23½	»
Bahia		—	—	—
Amsterdam	12	12	12½	£
Hamburgo	13	12	12½	»
Paris	25	45	50	»
Genova	26	10	15	»
Trieste	11	15	18	»
Vienna	11	10	15	»
Madrid	47	47½		Peso.
Cadiz	48½	48¾		»
Calcutta	20			Rs.
Bombaim		21½		»
Madras		21		»

—Generos em Londres em 25 de Novembro.

Algodão de Pernambuco	4½	5¼	£	Firme.
» do Maranhão	4	5	»	
» da Machina	3¾	4¼	»	
» da Bahia	4½	5¼	»	
Assucar branco	37	42	112 £	Dito.
» mascavado	31	37	»	
Arros do Brasil	7	13	»	Froixo.
» da India	7	13	»	
» de Java	7	13	»	
Café do Brasil	23	29	»	Dito.
» » lavado	30	4	»	
Cacáo »	29	30	»	
Couros seccos do Rio Grande	3	6	»	
» salgados »	2	3¼	»	

METAES PRECIOSOS.

Oiro, em barra, marcado	77/9		Por onça.
Portuguez em moeda	77/5		»
D.° em d.ª nova e do Brazil	77/1		»
Onças hispanholas	74/6		»
» Patrias	73/6		»
Prata em barra, marcado	4/11	¼	»
Patacas das Republicas	4/9	⅝	»
Columnares	4/9	¾	»

Praça de Lisboa 6 de Desembro. — As transacções da semana foram de pouco vulto. — Inscripções de 5 por cento, 47 e meio. A alta das acções do Banco de Portugal, tem trazido algumas ao mercado, para os seus possuidores realisarem a differença mui favoravel da melhoria do preço, o que fez affrouxar a nossa anterior cotação, tendo havido vendas por 490$ réis. Acções do Fundo de Amortisação a 45, frouxo.

—Agio das Notas do Banco de Lisboa de 30 de Novembro a 6 de Dezembro.

Por moeda.

		Compra.	Venda.
Novembro	30	1$950	1$930
Dezembro	1	»	»
»	2	»	»
»	3	1$940	1$920
»	4	»	»
»	5	»	»
»	6	»	»

—Cambios effectuados em 30 de Novembro ao partir da malla para o norte.

Londres	3 d v	52 ½
	30 d v	52 ⅝
	60 d v	52 ¾
	90 d v	52 ⅞ 53
Paris 3 d v		538
Marselha 3 m d		538
Genova		531
Hamburgo		48 48 ¼

Correspondencia.

81 *Porto 2 de Novembro.* — Falla-se em algumas vendas de vinho de importancia · por em quanto considero estes boatos como bons desejos. O que neste ponto se sabe ao certo é que o preço da venda de 240 pipas, feita pelo Sr. Antonio Alves de Sousa Guimarães, regulou de 45 a 50 mil réis.

Os cereaes ficaram na feira de 30: trigo 700 a 800, das ilhas 480 a 500, milho 330 a 340, centeio 330 a 340, cevada 240 a 260.

A Associação Commercial desta Cidade deve ser louvada por ter mandado traduzir o Systema de faroes ou lanternas, mandado ultimamente pôr em execução a bordo dos barcos a vapor de guerra e mercantes, e que tambem se póde applicar aos mais navios de vella, para evitar os riscos de abalroamento. Na secretaria desta Associação se tem distribuido gratuitamente a referida traducção.

O desconto das Notas do Banco de Lisboa subiu 1 por cento: fiseram-se vendas a 40 por cento e compras a 41.

BIBLIOGRAPHIA.

82 *Grammatica ingleza para uso dos portuguezes, reduzida a 27 licções.* Por D. José de Urcullu. — Vende-se no Porto, em caza do auctor, rua da Restauração, n.° 14; na Typographia Commercial: e nas lojas de livros de Moré, praça de D. Pedro; de Gonçalves Guimarães, aos Caldeireiros, n.° 9; de Cruz Coutinho na mesma rua, n.° 14 e 15; de Cardoso nas Hortas; e de Guimarães & Silva, rua das Flóres, n.° 25. Em Lisboa em casa de João Paulo Martins Lavado, rua Augusta, n.° 8. Em Coimbra em caza de José de Mesquita, rua das Covas. Em Lamego na de Antonio Tristão de Souza. Em Vianna na de André Joaquim Pereira. Em Guimarães na de Antonio do Espirito Santo. Em Braga na de Luiz do Amaral Ferreira. No Rio de Janeiro em caza de Garnier Frères, rua dos Ouvidores. Em Coimbra e no Maranhão em caza de Moré.

Em papel	560 réis.
Brochura	580 »
Cartonado	600 »
Encadernado	720 »

Fac-Similes das assignaturas dos Srs. Reis, Rainhas e Infantes que tem governado este reino de Portugal até hoje. Pelo Abbade A. D. de Castro e Sousa. — Vende-se na rua Augusta, n.° 8.

Breves considerações e conselhos praticos sobre a Cholera-Morbo asiatica, aonde se expõe não só os preceitos que devem guiar o Facultativo no tractamento da Cholera-Morbo epidemica, senão tambem as precauções que cada individuo deve tomar para não ser attacado d'ella; e o que deve fazer, sendo attacado, até que chegue o Facultativo; por J. Peres F. Galvão, *bacharel formado em Medicina*.— Porto. 1848, em 8.°, preço 100 réis.— Vende-se aos Martyres n.° 45, e na rua Augusta n.os 8 e 194.

Dos sete peccados mortaes a Inveja, ou Frederico Bastien, por Eugenio Sue; vertido em linguagem pelo traductor dos *Mysterios de Paris*; tomo 2.°, preço 240 réis.— Vende-se aos Martyres n.° 45, e na rua Augusta n.os 8 e 194.— O 3.° e ultimo tomo sahirá até o fim do corrente mez, e a este logo depois se seguirá o 1.° volume da *Luxuria*.

Compendio de Historia Universal, por José da Motta Pessoa de Amorim.— Publicou-se a 15.ª folha, e contém:

Historia profana.— Grecia e Phrygia, guerra e destruição de Troia.

Vende-se e assigna-se a 20 rs. a folha na rua Augusta n.os 1 e 8.

The Czar, his court and people: including a *Tour* in Norway and Sweden by J. O. Maxwel.

Precis de Chimie Agricole par le Dr. Sace.— É um livro que recommendamos pela pratica do nosso proprio estudo, e que ainda ha pouco foi muito recommendado em França por Saint-Germain Leduc. Tracta da chimica applicada ao estudo do solo, das plantas e dos animaes; e resume com bastante concisão e clareza as doutrinas de Liebig, Boussingault e Payen.

Lives of the Queen of England.— 12 vol.

The History of Wood Engraving; containing an interesting history of the art of wood engraving from de earliest period. By W. A. Chatto.

Expediente.

ESCRIPTORIO — Rua dos Fanqueiros n.° 82.
Correspondencia franca de porte — ao Redactor e Proprietario da Revista Universal Lisbonense.

Assignatura.

Doze numeros.............	$600 réis.
Vinte e quatro ditos	1$200 »
Quarenta e oito ditos.......	2$400 »

Todos os artigos, não assignados ou marcados, pertencem á Redacção.

Recebemos a delicada carta com que nos honrou o Sr. Alexandre Herculano, bem como a poesia que se dignou mandar-nos. O nome de tão distincto escriptor, estampado nas columnas d'este Jornal, é para nós e para os seus leitores um facto de grande importancia, e vem provar que o não desampara uma das collaborações que mais o acreditaram.

Agradecemos e serão publicadas as seguintes poesias:

Misericordia, pelo Sr. M. P.

D. Vivaldo, pelo Sr. H. Monteiro.

O Sr. Abbade Castro remetteu-nos ainda mais um artigo, ácerca da questão que desgraçadamente se começou ácerca do Frontão do Theatro de D. Maria II. Depois do que n'este Jornal se tem publicado, e do facto de ambos os desenhos estarem patentes ao publico em o nosso escriptorio, é dever nosso matar a questão no ponto em que ficou; e a firme resolução que tomámos de não dar cabida nas nossas columnas a nenhum artigo que se refira a essa materia, seja escripto por uma ou por outra das partes interessadas, nos obriga a deixar de publicar o referido artigo do Sr. Abbade Castro. Quando o publico possue os elementos precisos para julgar um facto, a continuação de qualquer polemica só póde promover desagradaveis resultados, que o escriptor sensato deve prudentemente evitar.

O mui importante Parecer da Commissão, nomeada pela Junta Geral do Districto de Lisboa para examinar o Relatorio do Governador Civil do mesmo Districto, será publicado no numero seguinte. Agradecemos desde já ao illustre Relator, o Sr. Conselheiro Pereira dos Reis, a distincção com que honrou o nosso Jornal.

O PRESO.

(Nova Edição).

Esboço do estado das cadêas em Portugal, e de alguns de seus mysterios, por S. J. Ribeiro de Sá. Um volume em 8.° com mais de 300 paginas. Vende-se na Rua Augusta n.° 8. Preço 600 réis.

As pessoas que forem assignantes da Revista Universal Lisbonense, ou que ao presente assignarem para este jornal, podem mandar comprar a obra annunciada ao Escriptorio da Revista, Rua dos Fanqueiros n.° 82, onde se lhe venderá, até ao fim de Dezembro, por 480 réis, preço da assignatura.

SANFOIN OU ESPARCETO.

No Escriptorio da Revista Universal se vende a diminuta porção de semente, chegada ha pouco; preço 800 réis o alqueire.

Errata.— Na pag. 27, col. 2.ª, lin. 38 — onde se diz — *Delille*, o pomposo, etc.— deve ser — *Delille, tão ameno como o pomposo*, etc.

Na mesma pag. e col., lin. 40 — onde está — *escolheu* — deve estar — *escolhemos*.

No artigo 44, col. 1.ª, lin. 5 — onde se lê — *José* — deve ser — *João*.